

RONALD INGLEHART (1934-2021): O LEGADO DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

RONALD INGLEHART (1934-2021): THE LEGACY OF HUMAN DEVELOPMENT THEORY

Gregório Unbehaun Leal da Silva¹

RESUMO

Apresentar o legado da obra de Ronald Inglehart é o objetivo desse trabalho. Dado seu falecimento recente, em maio de 2021, esse artigo busca apontar as principais contribuições do renomado cientista político estadunidense. Quais sejam: a tese da revolução silenciosa que deu origem à teoria do desenvolvimento humano; os impactos das análises de Marx e Weber sobre a teoria de Inglehart; a tese da emancipação do principal seguidor de Inglehart, Christian Welzel; e o modo como Inglehart lidou com o desafio que a ascensão de políticos populistas de extrema direita apresenta à sua teoria, através da tese *cultural backlash*. Os resultados desse levantamento também apontam para a importância do banco de dados da Pesquisa Mundial de Valores, que teve, na figura de Inglehart, seu principal expoente, bem como a influência do autor sobre os trabalhos mais recentes de Welzel.

Palavras chave: Pós-materialismo. Revolução Silenciosa. Cultural Backlash. Teoria da Emancipação.

ABSTRACT

Presenting the legacy of Ronald Inglehart's work is the objective of this paper. Given his recent death in May 2021, this article seeks to point out the main contributions of the renowned American political scientist. Which are: the thesis of the silent revolution that gave rise to the theory of human development; the impacts of Marx's and Weber's analyzes on Inglehart's theory; the emancipation thesis of Inglehart's main follower, Christian Welzel; and the way Inglehart dealt with the challenge that the rise of right-wing populist politicians presents to his theory, through the cultural backlash thesis. The results of this survey also point to the importance of the World Values Survey database, whose main exponent was Inglehart, as well as the author's influence on Welzel's most recent works.

Keywords: Post-materialism. Silent Revolution. Cultural Backlash. Emancipation Theory.

¹Doutorando em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. Brasil. E-mail: gregoriosilva1986@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nascido em 1934, em Milwaukee nos Estados Unidos, passou sua infância sob os auspícios do final da segunda grande guerra. Obteve doutorado em 1963, pela Universidade de Chicago e, em 1967, inicia formalmente sua carreira como professor na Universidade de Michigan. Em 1968, vai à França estudar os notáveis protestos de “Maio de 68”.

Sua curiosidade por entrevistar os jovens do movimento o levou a fermentar as ideias do que viria a se tornar uma notável teoria do desenvolvimento humano. Após a publicação sobre o Maio de 68 e de outra pesquisa com jovens holandeses, em 1970, o autor foi convidado para realizar mais pesquisas comparativas na Europa. E foi através desses achados que se originou uma primeira formulação do que viria a ser a tese da revolução silenciosa, central para sua teoria.

O trabalho de Inglehart (1971) é apontado como a origem da teoria que apresentarei aqui. Mas é em "*Silent Revolution*", de 1977, que o autor se torna mais conhecido. A partir de então, Inglehart aprofunda seus achados de forma a proceder uma corajosa tentativa de apresentar uma teoria de cunho universal do desenvolvimento humano. Essa é apresentada de forma mais consolidada em "*Modernization, Cultural Change, and Democracy*" de 2005². Este livro, publicado juntamente com seu pupilo Christian Welzel, será o principal foco da análise que aqui se segue.

Já na pesquisa de 1971, Inglehart documentou uma mudança intergeracional de valores, passando das prioridades materialistas, enfocadas na segurança física e fisiológica, para as pós-materialistas, guiadas por um sentido de autoexpressão e qualidade de vida.

Esses primeiros trabalhos, elaborados no final da década de 1960 e início da década de 1970, são essenciais para que Inglehart consiga concluir que os jovens pós-materialistas eram altamente desafiantes das elites políticas, uma vez que mostravam novas expressões democráticas que desafiavam o que comumente se julgava ser uma cidadania democrática.

²Publicado em português com o título de “Modernização, Mudança Cultural e Democracia”, em 2009, pela editora Francis. É essa versão que passaremos a analisar mais detidamente no que se segue aqui.

Essas mudanças intergeracionais influenciaram enormemente a formação de valores ambientalistas, assim como a consolidação do movimento de mulheres e outras expressões que refletiram o surgimento de novos temas de conflito político, assim como uma redefinição do clássico confronto esquerda e direita. Essa nova clivagem é essencial para a compreensão dos movimentos pelos quais tem passado a política pelo mundo, inclusive as recentes eleições de populistas de extrema direita em vários países.

A teoria de Inglehart explica a evolução das ideias culturais através do papel que joga a segurança existencial. É importante destacar que os jovens de 1968 nascidos no pós-guerra não passaram pelas mesmas dificuldades de sobrevivência que seus pais e avós. Esse fato desembocou em uma nova escala de prioridades, que foi aportada tão logo essas gerações de jovens europeus chegou à fase adulta.

Mas, foi com o passar dos anos, que a teoria de Inglehart deixou de ser somente sobre os países pós-industriais e se ocupou de análises globais. Nessa fase, o autor agrega afirmações de Karl Marx e Max Weber e consolida uma teoria de cunho universalista. O faz mostrando as pertinências das mudanças tecnológicas para a mudança societal, bem como a influência das zonas culturais mediando esse processo.

Todo esse trabalho veio originar a consolidada teoria do desenvolvimento humano apresentada em Inglehart (1977) e em Inglehart e Welzel (2009). Tornar explícitos os principais elementos dessa teoria é o objetivo desse artigo.

Aqui, se pretende apresentar de forma sintética os principais elementos do legado da Ronald Inglehart. Para cumprir tal empreitada, o que se segue a essa introdução é dividido em 5 partes. A primeira objetiva apresentar a tese da revolução silenciosa, que deu origem a teoria do desenvolvimento humano. Esta última compõe a segunda parte, que trará também a discussão sobre as zonas culturais dentro da teoria inglehariana. A tese da emancipação do principal seguidor de Inglehart, Christian Welzel, é o foco da terceira parte. A quarta parte aponta como Inglehart lidou com o desafio que a ascensão de políticos populistas de extrema direita apresenta à sua teoria, a tese apresentada, em conjunto com Pippa Norris, é a do *cultural backlash*. Por fim, o artigo se encerra discutindo o legado de Inglehart.

Outro fato de destaque que fica como importante legado inglehartiano é a Pesquisa Mundial de Valores. Segundo Inglehart e Welzel (2009):

Essa pesquisa de abrangência global realizada desde 1981 em um número crescente de países, é conhecida como Pesquisa Mundial de Valores (*World Values Survey, WVS*), o maior projeto de pesquisa social empírica conhecido até hoje, envolvendo cerca de noventa países (p. 7).

A onda mais recente da pesquisa (2017-2020) contempla 79 países e sociedades em todos os continentes. “[...] desde a Albânia, Austrália e Argentina até os Estados Unidos, Vietnã e Zimbábue. No total, mais de 127 358 entrevistados foram entrevistados até agora para esta onda da WVS³” O trabalho de Inglehart é um ótimo exemplo de dedicação científica. Ele veio a falecer em Ann Arbor, Estados Unidos, em 8 de maio de 2021. Deixou esposa, filhos e netos.

2 A REVOLUÇÃO SILENCIOSA

Ronald Inglehart constrói ao longo de suas obras uma robusta teoria. Ao ler Inglehart (1977) e Inglehart e Welzel (2009) é possível obter um vislumbre teórico dessas formulações. O escopo desse trabalho permite uma breve síntese.

Seu livro “*The silent revolution*”, publicado no final da década de 1970 (INGLEHART, 1977), é apontado como obra central desse programa de pesquisa. A obra consolida a tese da revolução silenciosa. Esse fato geraria uma extensa teoria do desenvolvimento humano (INGLEHART; WELZEL, 2009), que terá como legado a teoria da emancipação (WELZEL 2013, 2021; WELZEL; INGLEHART, 2021) que será discutida a seguir.

A teoria do pós-materialismo pode ser considerada uma das mais ambiciosas construções intelectuais da história das Ciências Sociais, tanto pelo esforço analítico em construir um *framework* que articula as teorias da modernização e da cultura política, quanto pela monumental base empírica do projeto WVS.

Tanto a base teórica, quanto o projeto WVS, têm no ex-professor da Universidade de Michigan, Ronald Inglehart, sua grande referência. Trata-se de um dos mais citados cientistas sociais da atualidade (KIM; GROFMAN, 2019) que, ao longo de sua trajetória acadêmica, estabeleceu diálogos com diferentes tradições intelectuais da disciplina.

³Disponível em: <<https://www.worldvaluessurvey.org/WVSNewsShow.jsp?ID=427>>. Acesso em: 12 maio 2021

Pippa Norris tem sido uma das grandes interlocutoras de Inglehart. A renomada professora de Harvard é dona de uma vastíssima obra, que recobre campos como mídia e política, recrutamento político, integridade eleitoral e comportamento eleitoral. Parte do seu trabalho estabelece um diálogo com a teoria do pós-materialismo, sendo especialmente importante neste tópico o conceito de “cidadania crítica” (Norris, 1999), que é uma tentativa de explicar importantes mudanças de atitudes e comportamentos do eleitorado das democracias desenvolvidas, como a crescente desconfiança nas instituições democráticas, o declínio na participação eleitoral e partidária. Esse quadro, na interpretação de Norris, não seria um sinal de apatia por parte dos públicos dessas nações, pois, em paralelo à redução na participação eleitoral, estaria ocorrendo um processo inverso nas atividades de contestação às instituições e elites estabelecidas, num desejo de tomar parte dos assuntos públicos de uma maneira mais ativa e direta.

Outro conhecido interlocutor de Inglehart, é Christian Welzel, que é um cientista político alemão da Universidade de Leuphana de Lueneburg e diretor da Associação Mundial de Pesquisa de Valores (WVSA, sigla em inglês)⁴. É coautor junto com Inglehart de *Modernização, Mudança Cultural e Democracia* (2009). Essa obra que segundo, segundo Ribeiro (2007), aprofunda os achados de obras anteriores como Inglehart (1977; 1990). Em 2013, Welzel “atualiza” a teoria original de Inglehart, conforme se verá mais abaixo.

Os diagnósticos de Inglehart, Welzel e Norris sobre as sociedades democráticas desembocaram em um prognóstico bastante otimista, qual seja, o mundo caminharia para uma preocupação maior com o meio ambiente e com os valores de auto expressão, para maior participação contestatória, enfim, *para democracias mais robustas*.

É possível apontar que as formulações de Inglehart são resultantes da revisão e da recuperação crítica de alguns dos pressupostos fundamentais das clássicas teorias propostas por Karl Marx e Max Weber sobre os processos de industrialização e constituição da moderna sociedade capitalista.

Do marxismo incorpora de forma parcial a tese de que o desenvolvimento tecnológico e suas consequências econômicas geram alterações culturais e

⁴ Entidade responsável por realizar o WVS.

institucionais. De Weber, aponta a relevância das especificidades culturais na relação com os processos de desenvolvimento econômico. Esse movimento de Inglehart, é o de tentar se colocar contra a dicotomia presente entre duas escolas de estudos sobre as relações entre desenvolvimento econômico e tradições cultural. Inglehart propõe a validação parcial de ambas as perspectivas, tentando superar o determinismo econômico e cultural.

Desde suas primeiras formulações (INGLEHART, 1971; 1977) há a afirmação de que existem evidências suficientes para associar o desenvolvimento econômico a mudanças nos sistemas de normas e valores em escala internacional. As conclusões apontam para uma lenta, “silenciosa” e contínua alteração nas prioridades valorativas individuais em nível mundial. Esta seria resultante, em grande parte, do desenvolvimento econômico experimentado pelas sociedades industriais avançadas, a partir da segunda metade do século XX (INGLEHART, 1977; INGLEHART, 1990; INGLEHART; WELZEL, 2009). Em tais contextos, as gerações pós-segunda guerra teriam sido socializadas em ambientes onde a luta pela sobrevivência teria sido em grande parte resolvida, o que possibilitou o desenvolvimento de valores ligados à auto expressão, como a preocupação com o meio ambiente, a igualdade de gênero e com as liberdades. Dentre as várias consequências desse fenômeno, uma delas seria na dimensão política, com efeitos positivos sobre os processos de democratização (INGLEHART; WELZEL, 2009).

Na argumentação é o desenvolvimento material do pós-guerra que leva a esses novos valores. O aumento da produtividade do trabalho e consequente especialização ocupacional que elevaria os níveis educacionais e de renda (no longo prazo) causaria mudanças culturais que impactam diretamente as relações de gênero, as disposições em relação à autoridade, as normas sexuais, e os valores e comportamentos políticos. Um fator é essencial para que essas mudanças ocorram. O sentimento de segurança existencial de parcelas significativas da população durante seus anos iniciais de vida em dada sociedade. A força dessa socialização consegue “superar” até mesmo crises econômicas vividas durante a fase adulta.

Não precisamos presumir que o número de pós-materialistas necessariamente diminuiria em resposta a um declínio moderado no consumo de materiais. **A evolução desse tipo de valor está provavelmente ligada à presença de segurança econômica e física durante os anos de**

formação, e não a um determinado nível econômico. Uma sensação de segurança é mais provável se o nível for alto, mas as coisas podem ser concebidas de forma que uma sensação de segurança seja mantida mesmo em face de um nível em declínio (INGLEHART, 1977, p. 384, tradução nossa, grifo meu).

A sensação de segurança durante os anos de formação é essencial para que se aflorem os valores pós-materiais, como acima mencionado. Entretanto, a herança weberiana se faz presente no argumento quando Inglehart aponta que também há o reconhecimento de que tal mudança seguiria caminhos distintos em cada nação em decorrência das suas diferentes matrizes culturais construídas ao longo de histórias particulares. O argumento inglehartiano é contrário a teses de homogeneização cultural advindas da globalização, há por parte do autor o destaque à consistente manutenção das tradições culturais na revolução silenciosa rumo ao pós-materialismo.

Em suma, o desenvolvimento econômico é acompanhado por uma mudança significativa nos valores sociais em uma direção previsível, porém esta mudança se processa sob caminhos relativamente estabelecidos por tradições culturais específicas, formadas ao longo da história de cada país e região, com alto poder de permanência.

A tentativa de incorporar o “caminho do meio” não implica em negação ou redução da importância das condições materiais de reprodução da existência. É possível interpretar que as bases econômicas dessa reprodução continuam possuindo proeminência explicativa sobre as demais dimensões da vida social. Nessa concepção o autor apresenta duas hipóteses complementares: A escassez e a socialização. Essas convergem com a formação dos valores que mencionamos até aqui.

Aqui há duas implicações. Primeiro, as orientações valorativas predominantes refletem as condições existenciais predominantes. Segundo, se as condições existenciais se modificam, é provável que as orientações valorativas mudem na mesma proporção – mas apenas após um lapso de tempo significativo, necessário para que se reaja ao impacto das mudanças existenciais e se experimentem novas estratégias de vida, melhor ajustadas às novas condições (INGLEHART; WELZEL, 2009, p. 45).

No que concerne a escassez aponta-se para as condições de sobrevivência materiais. A socialização requer que um novo coorte geracional tome seu lugar entre

os adultos produtivos. Essa dimensão incorpora que essa deva se dar nesse lapso de tempo (anos formativos) para que se tenha impacto. Ou seja, alguém forjado em condições difíceis, mesmo que obtenha ganhos materiais significativos dificilmente adotará valores pós-materialistas.

O lapso de tempo é essencial para que se possa ocorrer a mudança no sentido dos valores pós-materialistas. A introdução de metas de vida pós-materialistas só é factível com o desenvolvimento tecnológico e produtivo. Uma vez que esse propicia a base material que afeta diretamente o sentimento de segurança existencial compartilhado pelos membros de uma sociedade. Assim, esses podem entender a sobrevivência física como garantida ou como incerta.

Já no caso de indivíduos que precisam quotidianamente lutar para superar constrangimentos à sua reprodução física, devido à escassez de recursos e à violência, esse naturalmente tendem a se sentirem inseguros e, conseqüentemente, priorizarem objetivos relacionados com o desenvolvimento material em oposição a metas transcendentais, subjetivas ou de longo prazo. A sobrevivência se impõe, obviamente, como primeira necessidade. Esse é o caso de países pobres, logo, esses majoritariamente possuem valores materialistas.

O desenvolvimento tecnológico que propiciou essa segurança e deu início a revolução silenciosa dos valores pós-materialistas, faz com que a socialização após o coorte geracional introduza um significativo contingente de pessoas com valores pós-materialistas mudando todo jogo político. Esse novo alinhamento, ou realinhamento é essencial para compreensão da mensagem de Inglehart.

O impacto do desenvolvimento socioeconômico sobre as mudanças culturais ocorre em duas fases distintas. A primeira foi a industrialização, que levou ao surgimento da burocratização e da secularização. A segunda, da pós-industrialização, em que a tendência se altera em direção à autonomia individual e aos valores de autoexpressão. Os públicos das nações pós-industriais estariam gradualmente abandonando uma tendência materialista em favor de uma postura pós-materialista. Em suma, as populações das nações dos países pós-industriais experimentaram, neste período, crescimento econômico expressivo, gerando segurança existencial. Entretanto, o cerne da questão, é que outros países também estriam seguindo esse caminho, permeado por suas zonas culturais.

No caso da primeira transformação, ainda em curso no mundo, há uma tendência que opõe a dominação religiosa, sem, entretanto, haver o apelo à autonomia individual. Isso é exemplificado no que se exigia do trabalhador das fábricas, disciplina. Esse fato, porém, deixou “livre” as orientações religiosas, a queda da adesão religiosa pelo mundo é sintoma dessa mudança. A segunda, por sua vez, é mais profunda e mais recente e incorpora o que foi mencionado até aqui ou seja, os elementos da hipótese da escassez e da socialização. Muitas ocupações laborais passaram a exigir criatividade, o que exemplifica o direcionamento a que propõem essa análise.

3 AS ZONAS CULTURAIS E A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

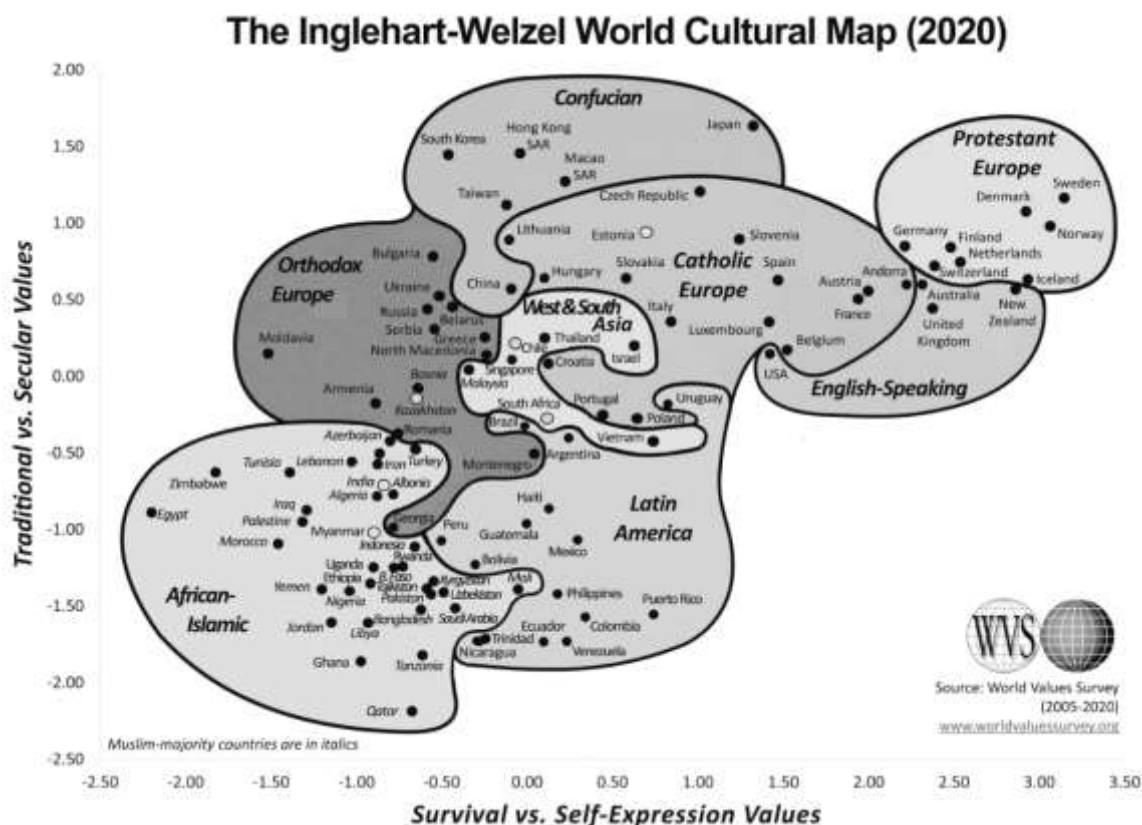
Esse processo todo é perpassado pelas zonas culturais que seguem persistentes. Os dados do WVS (ver **figura 1**) confirmaram a consistência da divisão do globo em zonas culturais similares às observadas por Samuel Huntington (1991)⁵.

O eixo vertical da figura 1 representa a dimensão valores tradicionais x valores seculares. Esse é formado por perguntas que os amostrados de cada nação devem responder sobre 5 temas: a importância de Deus na sua vida; a posição sobre o aborto; qual critério deve ser o mais importante para a criação de crianças, obediência e fé religiosa ou independência e determinação; o forte senso (ou não) de orgulho nacional; ser favorável (ou não) a mais respeito a autoridade. Esse eixo dialoga com a transformação da industrialização mencionada acima.

O eixo horizontal opõe valores de autoexpressão aos de sobrevivência. Esse dialoga com o fenômeno histórico da pós-industrialização. As questões que compõem essa dimensão perpassam 5 temáticas: prioridade à economia e segurança física ou a auto expressão e qualidade de vida; como vê a sua própria felicidade; posição sobre a justificação da homossexualidade; posição sobre assinar uma petição; e sobre confiança interpessoal. Àqueles criados sob segurança existencial, supõe-se que sejam mais propensos ao pós-materialismo, ao dar ênfase maior à auto expressão e qualidade de vida, se descrevem como felizes, não se opõem ao homossexualismo, são propensos a assinar petição e com altos indicadores de confiança interpessoal.

⁵Em Inglehart e Welzel (2009), o trabalho de Huntington é citado como inspiração para o mapa cultural.

Figura 1 – O mapa mundial cultural Inglehart-Welzel versão 2020



Fonte: The Inglehart-Welzel World Cultural Map - World Values Survey 7 (2020) [Provisional version]⁶.

Para auxiliar no entendimento é possível observar o caso da Dinamarca, os respondentes desse país se posicionaram fortemente a favor dos valores seculares e de autoexpressão. Ou seja, em média os dinamarqueses responderam às 10 questões (5 de cada eixo) de forma a situar o país na posição em que se encontra no gráfico. A posição do país é consonante com a expectativa de que se encontre próximo a zona cultural *Protestant Europe*, ao qual pertence o país. A título de exemplo, os respondentes desse país (e dessa zona cultural) devem ser propensos a priorizar qualidade de vida (eixo da auto-expressão) e não ao apelo à fé religiosa (eixo secularização).

É digno de nota outro fator ainda mais impactante dessa persistência cultural marcante, encontrado na comparação presente em Inglehart e Welzel (2009, gráfico 2.6, p. 98). Nesse caso há o destaque de que os ricos de dado país se aproximam

⁶Versão preto e branco. A original se encontra disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/>> Acesso em: 06 abr. 2021.

mais dos pobres do mesmo país do que dos ricos de outra zona cultural. Há análise abaixo sobre essa comparação é lapidar em elucidar essa dimensão:

[...] o cenário nacional continua a ser uma influência importante nos valores das pessoas. Em sociedades ricas, os cidadãos mais ricos tendem a valorizar muito os valores seculares-rationais e de autoexpressão do que os pobres – mas os valores dos alemães ricos [...] são mais semelhantes aos dos alemães pobres do que aos dos suíços ou americanos ricos. Embora nos países ricos os membros mais ricos tendam a ser mais seculares do que os menos ricos, isso não ocorre necessariamente nos países de baixa renda. [...] o principal ponto ilustrado por esse gráfico é o fato de que, num determinado país, os estratos ricos e pobres tendem a ter valores que são mais semelhantes entre si do que aos cidadãos de outros países – ricos ou pobres. Mesmo na era da internet, a nacionalidade de um indivíduo continua a ser um poderoso elemento de previsão de seus valores (INGLEHART; WELZEL, 2009, p. 99).

Ainda que permeado por diversidade cultural é notável os caminhos propostos pela teoria do pós-materialismo. A redução da pobreza, inicialmente através do processo de industrialização, leva de forma silenciosa à diminuição dos constrangimentos à escolha humana e contribui assim para o desenvolvimento de um sentimento de segurança econômica e física. Com isso, há mais tempo para se dedicar à escolarização - ampliando os níveis educacionais das populações e favorecendo o acesso à informação através dos meios de comunicação de massa. Concomitantemente, há a elevação da especialização ocupacional, típica de economias pós-industriais, isso também propicia maior complexidade social, diversificando as interações humanas, tornando mais prováveis as condições favoráveis aos valores de autoexpressão. Entretanto vale citar que:

Essas mudanças são probabilísticas. Elas não são leis determinísticas como o socialismo científico proposto por Karl Marx. Ademais, a mudança cultural não é linear, ela não se move continuamente em uma única direção na medida em que o desenvolvimento econômico ocorre, até que se alcance o final da história (INGLEHART; WELZEL, 2009, p. 41).

O elemento significativo da análise é que o crescimento do pós-materialismo levaria a formação de uma cidadania mais crítica (NORRIS, 1999) e ao mesmo tempo comprometida com os preceitos democráticos⁷. Em Inglehart e Welzel (2009), há o apontamento de que o desenvolvimento socioeconômico, os valores de

⁷Entende-se aqui democracia de corte social e/ou liberal. Sobre os tipos de democracia ver o capítulo 10 de Welzel (2013).

autoexpressão e as instituições democráticas atuam juntos como peças de um quebra-cabeça que conduz à ampliação da autonomia nas escolhas dos indivíduos. Retornando aos argumentos expostos até aqui, é possível apontar que essa tríplice base do desenvolvimento humano, indica para a primazia da economia no modelo analítico proposto ao destacar a redução dos constrangimentos à autonomia através da ampliação do volume de recursos econômicos, cognitivos e sociais das populações. Isso elevaria a probabilidade (como bem mencionado na citação destacada acima) dos valores de autoexpressão. Esses estão correlacionados ao giro pós-materialista que incorpora a valorização da liberdade, da diversidade e da autonomia, a rejeição da disciplina, da conformidade e da autoridade tradicional.

As novas aspirações, conseqüentemente, conduzem à formulação de demandas que são encaminhadas pelos canais disponíveis às instituições competentes visando o estabelecimento ou ampliação de direitos civis e políticos que caracterizam a democracia liberal. Uma cidadania crítica – em sentido similar ao de Norris (1999) – que ao mesmo tempo é crítica das tradicionais instituições políticas e concomitantemente comprometido com a democracia. As condições que caracterizam os elementos básicos do desenvolvimento humano, portanto, são três. As capacidades objetivas que eliminam os constrangimentos à escolha. As motivações subjetivas que levam os indivíduos a agirem de acordo com suas escolhas. E só por último, a designação legal que, a partir do reconhecimento dos direitos civis e políticos, possibilita a ação a partir das escolhas autônomas.

Ou seja, há o diagnóstico de que o afloramento dos valores de autoexpressão se associam a processos de maior democratização nas sociedades. Um exemplo disso pode ser encontrados em Inglehart e Welzel (2009, gráfico 8-2.b, p. 224), em que se é notável a linha de causalidade notada na análise e exemplar da teoria do desenvolvimento humano proposta desde Inglehart (1971; 1977) de corte comportamentalista. Há nos dados desse gráfico, o apontamento de que são os valores que atuam sobre o grau de democracia das instituições e não o oposto. Indicativo dessa premissa é, por exemplo, o teste de ordem temporal⁸, em que se

⁸Inglehart e Welzel (2009) é obra de maior fôlego analítico, a principal da teoria do pós-materialismo. Tendo gerado muita repercussão e posteriormente críticas. Uma conhecida crítica é a de Dahlum e Knutsen (2016). Há nesse trabalho a acusação de que Inglehart e Welzel teriam invertido a causalidade entre valores de autoexpressão e democracia. A resposta a essas críticas se encontra em Welzel e Inglehart (2016).

aponta que o indicador de democracia de 1997-2002 é influenciado pela medição de autoexpressão no início dos anos 1990, já o índice de democracia de 1981-1986 não é estatisticamente significativo na explicação dessa variável.

O apontamento da importância desse tipo de cidadania mais crítica, representa uma miríade de trabalhos que identificaram mudanças nos padrões de cultura política que colocam em xeque o modelo clássico de cultura cívica presente na seminal obra publicada em 1963 por Almond e Verba. “*The Civic Culture*” representou uma tentativa bem-sucedida de tratar empiricamente a variável cultura e seus impactos na política e tem sido replicado com relativo sucesso desde então. Na visão de Almond e Verba (1963), esta cultura cívica mesclaria elementos de passividade, aceitação às normas e participação moderada.

A maior transformação que a agenda do culturalismo sofreu nos últimos anos ocorreu nesse ponto. Estudos como os de Ronald Inglehart identificaram mudanças nos padrões de cultura política que colocam em xeque o modelo clássico de cultura cívica:

Se nos anos sessenta este modelo de cultura política assertiva representaria uma ameaça para a democracia, as transformações no interior da teoria culturalista e seus achados empíricos demonstraram que, longe de ser um problema, tal postura têm levado ao seu aprimoramento (OKADO, 2018, p. 20).

4 A TESE DA EMANCIPAÇÃO HUMANA DE WELZEL

Welzel (2013), aprofunda a teoria do desenvolvimento humana. O autor propõe a teoria da emancipação, que tenta suplantiar as críticas anteriores à Inglehart e Welzel (2009)⁹. Os valores emancipatórios combinam a valorização da liberdade individual e a solidariedade em relação à liberdade dos demais. Em Welzel (2013) há também uma tentativa de aprimorar mensuração dos valores de autoexpressão ao propor o

⁹Outras críticas, Além da mencionada crítica na nota 7, apontam que a teoria de Welzel seria evolucionária, no sentido de não permitir retrocesso. Okado (2018) acredita que Welzel (2013) teria incorporado essas críticas e elaborado um modelo mais consistente na teoria da emancipação humana.

índice de valores emancipatórios¹⁰. Entretanto, a continuidade com as perspectivas de teoria do pós-materialismo fica latentes no trecho abaixo

Como resultado do avanço tecnológico, recursos de ação tornam-se disponíveis para segmentos mais amplos da população. Recursos de ação mais difundidos aumentam ainda mais a utilidade das liberdades. Em reconhecimento a isso, as pessoas adotam valores emancipadores. Inspiradas por valores emancipativos, as pessoas reivindicam direitos cívicos e agem em seu nome se os governantes negarem as garantias. Em algum ponto, os direitos cívicos são garantidos, completando um ciclo inicial de capacitação humana. A menos que seja interrompido por choques exógenos, o ciclo pode continuar a crescer em espiral, criando mais recursos de ação, valores emancipativos mais fortes e direitos cívicos mais amplos. Não há limite predefinido para o empoderamento humano porque, não importa o quanto melhoramos, o mundo sempre será imperfeito (WELZEL, 2013, p. 397, tradução nossa).

Os valores emancipativos são elaborados através de uma escala que incorpora 3 sub-índices: escolha, igualdade e voz. O primeiro é composto por questões sobre a aceitação do aborto, da homossexualidade, bem como a aceitação do divórcio. O segundo questiona o respondente sobre questões de igualdade entre mulheres e homens, envolvendo empregos, vagas em universidade e liderança política. Já a terceira escala, questiona sobre proteção à liberdade de expressão, dar mais voz nas decisões locais e do governo. A escala foi construída pela primeira vez em Welzel (2013).

O trabalho apresenta evidências empíricas que contribuem com o debate sobre as consequências da mudança de valores e seus efeitos nas democracias contemporâneas, demonstrando que este fenômeno tem se mostrado benéfico para o aprofundamento dos regimes democrático. O trecho citado acima também demonstra a continuidade do caráter evolucionário da teoria em comparação à tese do pós-materialismo, em que pese seu caráter mais universalista ao pressupor com mais ênfase que se pode haver retrocessos. A análise de Okado (2018) é uma síntese dessa contribuição:

Tal conceito permite preencher algumas lacunas da teoria da mudança de valores. Inglehart não discute especificamente as possibilidades de refluxos na mudança nas prioridades valorativas. Este autor identifica a possibilidade de uma geração pós-materialista ser sucedida por uma nova coorte

¹⁰Para mais informações sobre a mudança nos índices de valores proposta por Welzel (2013) quando comparada à de Inglehart e Welzel (2009), recomenda-se a leitura de Okado (2018) e de Okado e Ribeiro (2017).

materialista e afirma que a ascensão da direita conservadora é uma resposta à rápida mudança dos valores em uma sociedade, mas não detalha a possibilidade do retorno às orientações materialistas. Pode-se atribuir isto ao fato de que seu trabalho é centrado em sociedades industriais avançadas, ou seja, os países que estão na vanguarda do desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. A influência geopolítica e as vantagens no desenvolvimento tecnológico têm permitido que estas sociedades se mantenham na frente em termos de desenvolvimento econômico, assegurando a qualidade de vida de seus cidadãos. Welzel propõe uma teoria mais universalista, pensando em como se opera a emancipação humana. Fato que obrigatoriamente o leva a pensar ciclos de empoderamento e desempoderamento, uma vez que rupturas democráticas são mais frequentes em países em desenvolvimento (p. 43).

No que concerne aos estudos de Inglehart, Okado (2018) aponta para não percepção de um provável retorno às orientações materialistas. Em um trabalho mais recente, Ronaldo Inglehart em parceria com Pippa Norris (2019) analisam o fenômeno na tese do *cultural backlash*. O contexto de ascensão do populismo de extrema-direita (MUDDE; KALTWASSER, 2017) trouxe desafios à análise, Norris e Inglehart (2019) é a resposta da teoria do desenvolvimento humano à esse desafio empírico.

5 A TEORIA DE INGLEHART FRENTE AO CRESCIMENTO DA EXTREMA DIREITA

Mas, e aí vieram os partidos de extrema-direita. Como encaixar o bom resultado de partidos que defendem valores menos associados ao pós-materialismo? Em *Cultural backlash*, Norris e Inglehart (2019) sustentam que seus diagnósticos iniciais (INGELHART, 1977; NORRIS, 1999) estavam corretos. De modo a defenderem seus legados teóricos, vão sustentar a existência de uma intensificação das clivagens culturais nas democracias avançadas, que vai se refletir na emergência das díades pluralismo/populismo e autoritário/libertário; elas são utilizadas como contraposição à tradicional divisão esquerda/direita.

Apesar do foco da análise incidir sobre alguns países, essa obra pode indicar caminhos para e a encruzilhada brasileira. Uma vez que esse relevante estudo situa a figura de Jair Bolsonaro como pertencente ao “seleto” grupo dos: “[...] muitos líderes mundiais que também endossaram valores autoritários e populistas, em maior ou menor grau” (NORRIS; INGLEHART, 2019, p, 11, tradução nossa).

A clivagem esquerda/direita, segundo os autores, é conectada à *economic grievances thesis*, para a qual o destaque político/eleitoral de partidos e líderes autoritários e populistas se dá primordialmente por questões envolvendo crises e flutuações econômicas. Já as outras clivagens estão incorporadas à *cultural grievances thesis*, que associa o crescimento desses partidos, líderes e ideias aos *issues* culturais e à retórica populista. A tese dos autores é que as clivagens culturais têm mais capacidade explicativa que a econômica.

Os autores constroem uma tipologia dos partidos, usando as duas clivagens mencionadas anteriormente. O estudo também recai sobre o peso dos sistemas eleitorais nos resultados políticos de partidos populistas-autoritários. Neste quesito, percebem que os sistemas de representação proporcional aumentam as chances eleitorais desses partidos. No entanto, como demonstram na análise do processo do BREXIT¹¹, os sistemas majoritários não estão “livres” desse risco.

No que se refere ao debate sobre populismo, a obra se distancia do conceito de Mudde e Kaltwasser (2017). Para esses autores, o populismo é um “*thin ideology*”. Trata-se de um conjunto de poucas ideias que se apega às ideologias maiores, como liberalismo e socialismo, e produz uma retórica que considera a sociedade separada em dois campos homogêneos e antagônicos: “o povo puro” *versus* “a elite corrupta”. Assim, argumenta-se que a política deve ser uma expressão da vontade geral.

Contra essa interpretação, Norris e Inglehart desenvolvem uma análise cujo foco é a retórica discursiva. O populismo teria como característica ser “camaleônico”: “[...] que pode se adaptar com flexibilidade a uma variedade de valores e princípios ideológicos substantivos, tais como populismo socialista ou conservador, populismo autoritário ou progressista, e assim por diante” (tradução nossa, p. 4).

Dois aspectos se destacam nessa formulação, mais minimalista, adotada em *Cultural backlash*: i) a única legitimidade possível vem do povo; e ii) os que se encontram no poder são profundamente corruptos e só pensam em si, são traidores da confiança pública. “Defendemos que as narrativas populistas podem ser reduzidas a estes - e apenas a estes - componentes gêmeos” (Ibidem, p. 66, tradução nossa). O populismo é oposto ao pluralismo; na avaliação dos autores, ele tem como baluarte a saliência do combate à corrupção e a retórica anti-elite e anti-*establishment*.

¹¹ Saída do Reino Unido da União Européia.

Já o autoritarismo tem como características a conformidade, a segurança e lealdade. Deste modo, a argumentação é a de que apelos autoritários levam a algo próximo de uma relação com um líder tribal, em que se enfatizam a solidariedade de grupos, uma rígida conformação às normas internas e rejeição aos de fora. Esses sentimentos foram, segundo os autores, fortemente mobilizados pelos líderes autoritários nos últimos anos. Nas clivagens por eles construídas, o libertarianismo seria a posição contrária ao autoritarismo. Seria, pois, a junção populismo e autoritarismo aquela que geraria mais riscos ao regime democrático.

Posturas próximas do que os autores consideram autoritarismo pressupõem valores como ordem, tradição e estabilidade. Os valores libertários, por sua vez, têm como corolário aspectos relacionados à liberdade pessoal. O multiculturalismo é uma marca dessa atitude oposta à autoritária; a oposição à imigração e a extensão de direitos às minorias étnicas completam ainda a visão autoritária. Percebe-se aqui clara imbricação entre essa análise e exposta na seção acima em que apresentou o mapa cultural (figura 1).

Consoante com a teoria do desenvolvimento humana, o *cultural backlash* é uma reação ao processo de que à medida que as novas gerações foram nascendo, os valores passaram a ser mais pós-materialistas e a visão política mais liberal. Esse ocasionaria, em algum ponto e em dado contexto, um *tipping point*. Um exemplo de *tipping point* seria a eleição de Donald Trump, em 2016.

Essa inflexão é fruto da reação dos que não se sentem contemplados pela “revolução silenciosa”. Em suma, a teoria afirma que a ascensão do populismo autoritário é a consequência principal de uma reação conservadora contra a “revolução silenciosa” de atitudes socialmente liberais.

Além disso, o número crescente de pessoas com valores socialmente liberais desencadeou uma reação contrária à medida que a mudança cultural finalmente atingiu um ponto crítico. A proporção de conservadores sociais diminuiu gradualmente para se tornar uma nova minoria cultural (Ibidem, p. 449, tradução nossa).

Mas, enfim, quem seria essa “nova minoria cultural”? Das variáveis testadas, a que se mostrou a mais forte preditora do apoio a atitudes autoritárias foi aquela relativa à geração: os mais velhos tendem a dar mais suporte a padrões autoritários, embora o mesmo não se verifique em relação ao populismo. Outro fator que explica o bom

resultado de partidos e líderes autoritários é que a geração entreguerras tem aparecido como muito mais propensa a votar do que a geração *millennial*.

Como o cidadão crítico no sentido de Norris (1999) e que geralmente pertence aos coortes geracionais mais recentes tem fortes indicadores de abstenção eleitoral ao optar por outras formas de participação. Os materialistas seriam sobre representados nas eleições.

Este *generation gap* é destacado diversas vezes ao longo do texto. Outros fatores também complementam essa “nova minoria cultural”: a baixa escolaridade, serem brancos, majoritariamente homens e moradores de cidades pequenas ou de áreas rurais.

O contexto pessoal, a existência de crises econômicas e os fluxos migratórios podem acelerar ou retardar esse *tipping point*. Deste modo, é possível observar a *economic grievances thesis* não como “rival” analítica da *cultural grievances thesis*, mas como complementar à mesma.

6 DISCUSSÃO

Em que pese a robustez do enquadramento teórico e dos dados empíricos analisados, é possível apontar que *Cultural Backlash* traz à tona os déficits analíticos da teoria do pós-materialismo, especialmente no que se refere ao diagnóstico das democracias contemporâneas. Conforme mencionado anteriormente, havia ali um grande otimismo com relação à natureza do vínculo que estaria conectando cidadãos e sistemas políticos, numa visão totalmente teleológica da história. Porém, o início do século XXI colocou vários novos desafios para os regimes democráticos. Democracias iliberais¹², os populismos e os novos autoritarismos são evidências de um quadro no mínimo mais complexo do que aquele previsto pelos autores.

No esforço de compreensão da ascensão do autoritarismo e do populismo, faltou a Norris e Inglehart, nesta obra, uma autocrítica ao diagnóstico otimista que emergiu a partir de conceitos como “cidadãos críticos” e pós-materialistas. De fato, os dados sobre o declínio da confiança nas instituições políticas já estavam presentes nestes diagnósticos, os quais, porém, não eram vistos como uma possível ameaça à

¹² Mounk (2019).

legitimidade democrática. Se tivessem atentado para este ponto, os autores poderiam ter aventado que tal descrédito nas instituições de representação política já poderia ser um indício de apelo dos eleitores a governos populistas autoritários.

O legado deixado por Ronald Inglehart e seguido por seus colaboradores é algo digno de nota. Embora não ausente de críticas, é notável a tentativa de elaborar um modelo universalista de análise que incorpore os clássicos teóricos da modernização como Weber e Marx.

Sugere-se a leitura dos trabalhos mais recentes (WELZEL, 2021; KIRSCH; WELZEL, 2019) de seu principal continuador e pupilo, para que se possa obter um vislumbre do legado da teoria do desenvolvimento humano. As muitas pesquisas, geradas através da base de dados global legada por Inglehart, proporcionam também ótimos aportes para o futuro das Ciências Sociais. Um exemplo é a pesquisa de Moreno (2019), sobre as clivagens políticas pelo mundo.

Em Welzel e Inglehart (2019), uma das últimas contribuições de Inglehart, há uma frase que cumpre citar para que se feche esse pequeno obituário da obra de tão renomado intelectual.

Evidências das Pesquisas de Valores Mundiais e outras pesquisas transnacionais indicam que as crenças emancipativas de massa variam dramaticamente entre os países, e quando essas crenças são fracas, as pessoas dão prioridade à autoridade e liderança forte sobre a liberdade e participação em massa (p. 131, tradução nossa).

Há, por parte de Welzel, uma preocupação recente de usar essa escala de emancipação, a fim de que se possa compreender os caminhos da democracia pelo globo. Essa dimensão mostra a continuidade das perspectivas pensadas pelo jovem Inglehart, quando formulou a tese da revolução silenciosa, na década de 1970.

Digna de nota também é a visão otimista do trabalho de Welzel (2021) acerca do futuro da democracia no mundo. O autor, nesse trabalho, é claro em apontar que a cultura muda e não há nenhuma razão clara para que as “non-Westerns culture(s)” não possam desenvolver valores emancipadores. Welzel, nesse artigo de 2021, é otimista ao mostrar que, em diferentes ritmos, o futuro é brilhantemente democrático.

Logo no início dessa reflexão, o autor se opõe a abordagem muito conhecida de Mounk (2019), da tese da “desconsolidação democrática”. Os dados apontam que: “na verdade, o futuro de longo prazo para a democracia no mundo é muito mais

brilhante do que muitos imaginam” (WELZEL, 2021, p. 132, tradução minha). Nas conclusões do trabalho, em especial, a figura dos jovens é ressaltada: “A presença particularmente robusta de valores emancipadores entre os jovens deve nos deixar ainda mais otimistas quanto ao futuro da democracia” (IBIDEM, p.142, tradução minha).

O otimismo de Welzel sobre o futuro “brilhante” da democracia, mesmo em tempos da pandemia da Covid-19, encontra ecos claros nas perspectivas de Inglehart e da teoria do desenvolvimento humano. É possível que a onda populista de extrema-direita tenha sido somente uma nuvem passageira? Para Welzel, parece que sim. Sobre a assertiva dessa visão, só o tempo dirá.

REFERÊNCIAS

ALMOND, G.; VERBA, S. **The Civic Culture**: political attitudes and democracy in five nations. New York: Sage, 1963.

DALTON, Russell; KLINGEMANN, Hans-Dieter. Citizens and political behavior. In: COPP, David (org.). **The Oxford Handbook of Political Behavior**. Nova York: Oxford University Press, 2007

DAHLUM, S.; KNUTSEN, C. H. Democracy by Demand? Reinvestigating the Effect of Self Expression Values on Political Regime Type. **British Journal of Political Science**, v. 47, n. 2, p. 437–461, 2017.

HUNTINGTON, Samuel P. **The Third Wave**: Democratization in the Late Twentieth Century. Normam; University of Oklahoma Press. 1991.

INGLEHART, R. "The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies." **The American Political Science Review**, v. 65, n. 4, p. 991-1017, 1971. Doi: 10.2307/1953494.

INGLEHART, R. **The silent revolution**: Changing Values and Political Styles Among Western Publics. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, R. **Culture shift in advanced industrial society**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. **Modernização, mudança cultural e democracia**: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo: Francis, 2009.

KIM, Hannah June.; GROFMAN, Bernard. The political science 400: with citation counts by cohort, gender, and subfield. **PS: Political Science & Politics**, v. 52, n. 2, p. 296-311, 2019

KIRSCH, H.; WELZEL, C. Democracy Misunderstood: Authoritarian Notions of Democracy around the Globe. **Social Forces**, v. 98, n. 1, p. 59–92, Sept. 2019. Doi: <https://doi.org/10.1093/sf/soy114>

MORENO, A. **Political cleavages: issues, parties and the consolidation of democracy**. London: Routledge. 2019. Epub.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. K. **Populism: a very short introduction**. New York Oxford University Press, 2017.

NORRIS, P (ed.). **Critical citizens: glo-bal support for democratic governance**. Oxford, Oxford University Press. 1999.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

OKADO, L. T. A. **Valores emancipatórios e participação política em países da América Latina**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

OKADO, L. T. A.; RIBEIRO, E. A. Mudança de valores em países latino-americanos: comparando os índices de pós-materialismo e valores emancipatórios. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 24, p. 7–48, dez. 2017.

RIBEIRO, E. A consistência das medidas de pós-materialismo: testando a validade dos índices propostos por R. Inglehart no contexto brasileiro. **Soc. estado**. 2007, v. 22, n. 2, p.371-400. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000200006>.

WELZEL, C. **Freedom rising: human empowerment and the quest for emancipation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WELZEL, C. "Why The Future Is Democratic". **Journal of Democracy**, v. 32, n. 2, p. 132-144, 2021. Doi: 10.1353/jod.2021.0024.

WELZEL, C.; INGLEHART, R. F. Misconceptions of Measurement Equivalence: Time for a Paradigm Shift. **Comparative Political Studies**, v. 49, n. 8, p. 1068–1094, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/0010414016628275>

Artigo recebido em: 12/05/2021

Artigo aprovado em: 15/06/2021

Artigo publicado em: 26/07/2021